

A SALAMANCA DO JARAU

SIMÕES LOPEZ NETO



NARRADOR: Era um dia... um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na estrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso. Campeando e cantando:

BLAU: Meu bonito boi barroso,
Que eu já contava perdido,
Deixando o rastro na areia
Foi logo reconhecido

Mas no mato carrasquento
Onde o boi estava embretado,
Não quis usar o meu laço
Pra não vê-lo retalhado.

Adeus priminha, que eu vou-me embora,
Não sou daqui, sou lá de fora.

E mandei fazer um laço
Da casca do jacaré,
Pra laçar meu boi barroso
Num redomão pangaré

Meu boi barroso, meu boi pitanga,
O teu lugar é lá na canga.

NARRADOR: No tranquilo ia, cantando, e pensando na sua pobreza, no atraso das suas cousas.
No atraso das suas cousas, desde o dia em que topou-cara a cara! - com o Caipora num campestre da serra grande, pra lá, muito longe, no Botucaraí...
A lua ia recém-saindo...; e foi à boquinha da noite...
Hora de agouro, pois então!...



Gaúcho valente que era dantes, ainda era valente agora; mas quando cruzava o facão com qualquer pa^{ção} o ferro da sua ^{mão} via mermando e o do contrário o lanha-va...

Domador destorcido e parador, que por só pabulagem gostava de paletear, ainda era domador, agora; mas quando gineteava mais folheiro, às vezes, num redepen^{te}, era volteado...

De mão feliz para plantar, que lhe não chochava sem^{te} nem muda de raiz se perdia, ainda era plantador, a^{gora}; mas quando a semente ia apontando da terra, dava a praga em toda, tanta, que benzedura não ven^{cia}...; e o arvoredo do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, era mixe e era aze^{da}...

E assim, por esse teor, as coisas corriam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau, de nome, ia, ao tran^{quilo}, campeando, sem topar com o boi barroso.

De repente, na volta de uma reboleira, bem na beirada dum boqueirão, sufrenou o tostado...: ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca.

Aquele vulto de face branca... aquela face tristonha!...

Aquele vulto era o santão da salamanca do cerro.

Blau Nunes sufrenou o cavalo. Correu-lhe um arrepio no corpo, mas era tarde para recuar: um homem é para outro homem!...

BIAU: Laus'Sus-Cris!...

SACRISTÃO: Para sempre, amém! O boi barroso vai trepando cerro a cima, vai trepando... Ele anda cumprindo o seu fada^{rio}...

BIAU: Vou no rastro!...



SACRISTÃO: Está enredado...

BIAU: Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo, até a boca preta da fuma do cerro...

SACRISTÃO: Tu... tu, paisano, sabes a entrada da salamanca?...

BIAU: É lá?... Então sei, sei! A salamanca do cerro do jarau!... Desde a minha vô charrua, que ouvi falar!...

SACRISTÃO: O que contava a tua avó?

BIAU: A mãe da minha mãe dizia assim:

- Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada - Salamanca - onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes de magia; e era numa fuma escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria...

O condão estava no regaço duma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como só ela!...

Num mes de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelharem-se ao pé da Cruz Bendita... e a baterem nos peitos, pedindo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas...

E para segurança das suas traças trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça... Assim bateram nas praias da gente pampiana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E como eles eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em ter



ra, logo na meia-noite da primeira sexta-feira visitados pelo mesmo Diabo deles, que neste lado mundo era chamado de Anhangá-pitã e mui respeitado. Então, mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas campanhas e a destas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras... Por isso Anhangá-pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que a aqueles chegados traziam...; e pois, o maldoso pegou do condão mágico - esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em teiniaguá, sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele.

E chamaram - Salamanca - à fuma desse encontro; e o nome ficou pras furnas todas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos.

Aqui está tudo o que eu sei, que a minha avó charrua contava à minha mãe, e que ela já ouviu como coisa velha, contar por outros, que, esses, viram!...

NARRADOR: E Blau Nunes bateu o chapéu para o alto da cabeça, deu um safanão no cinto, aprumando o facão...; foi parando o gesto e ficou-se olhando, sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava mas onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem tapumes.

SACRISTÃO: Cuve agora a minha estória paisano.

No costado da cidade onde eu vivia havia uma lagoa - larga e funda, com uma ilha de palmital no meio. Ha-



via uma lagoa...

Tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão...

Era eu que cuidava dos altares e ajudava a missa dos santos padres da igreja de S. Tomé, do lado ao poente do grande rio Uruguai. Sabia bem acender os círios - feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos, na quina do altar, dois degraus abaixo, à direita do padre; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festas sabia repicar o sino; e bater as horas, e dobrar a finados... Eu era o sacristão.

Um dia, na hora do mormaço, todo o povo estava nas sombras, sesteando; nem voz grossa de homem, nem cantoria das moças, nem choro de crianças: tudo sesteava. O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos, e a luz parecia que tremia, peneirada no ar parado, sem uma viração.

Foi nessa hora que eu saí da igreja, pela portinha da sacristia, levando no corpo a frescura da sombra benta, levando na roupa o cheiro da fumaça piedosa. E saí sem pensar em nada, nem de bem nem de mal; fui andando, como levado...

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

A água da lagoa borbulhava toda, numa fervura, ronquejando tal e qual como uma marmitta no borralho. Por certo que lá em baixo, dentro da terra é que estaria o braseiro que levantava aquela fervura que cozinhava os juncos e as traíras e pelava as pernas dos socós e espantava todos os mais bichos barulhentos daquelas águas...

Eu vi, vi o milagre de ferver toda uma lagoa... ferver, sem fogo que se visse!

A mão direita, pelo costume, andou para fazer o "Pelo-Sinal"... e parou, pesada como um chumbo; quis rezar



um "Credo", e a lembrança dele recuou; e voltar, rer e mostrar o Santíssimo... e tanger o sino em bre... e chamar o padre superior, tudo para esconjurar aquele encantamento... e nada fiz... nada fiz, sem força na vontade, nada fiz... nada fiz, sem governo no corpo!...

E fui andando, como levado, para de mais perto ver, e não perder de ver o espantoso...

Porém logo outra força acalmou tudo; apenas a água fumegante continuou retorcendo os lodos remexidos, onde boiava toda uma mortandade dos viventes que morrem - sem gritar...

Era no fim de um lançante comprido, estrada batida e limpa, de todos os dias as mulheres irem para a lavagem, e quando eu estava na beira da água, vendo o que estava vendo, então rompeu dela um clarão, maior que o da luz a pino do dia, clarão vermelho, como dum sol morrente, e que luzia desde o fundão da lagoa e varava a água barrenta...

E veio crescendo para a barranca, e saiu e tomou terra, e sem medo e sem ameaça veio andando para mim a sempre escapada maravilha..., maravilha que os que nunca viram juravam sempre ser - verdade - e que eu, que estava vendo, ainda jurava ser - mentira!

Era a teiniaguá, de cabeça de pedra luzente, por sem dúvida; dela já tinha ouvido ao padre superior a história contada dum encontradiço que quase cegou de teimar em agarrá-la.

Entrecebrei os olhos, coando a vista, cautelando o perigo; mas a teiniaguá veio-se me chegando, deixando no chão duro um rastro d'água que escorria e logo secava, do seu corpinho verde de lagartixa engraçada e buliciosa...

Lembrei-me como quem olha dentro duma cerração -, lembrei-me do que corria na voz da gente sobre o entan- guimento que trespassa o nosso corpo na hora do encan-



tamento: é como o azeite fino num couro ressequido. Mas não perdi de todo a retentiva; pois que da água saía, é que na água viveria. Ali perto, entre os capins, vi uma guampa e foi o quanto agarrei dela e enchi-a na lagoa, ainda escaudando, e frenteei a teiniaguá que, da vereda que levava, entreparou-se, trememente, firmando nas patinhas da frente, a cabeça cristalina, como curiosa, faiscando...

De olhos apertados, piscando, para me não atordoar dum golpe de cegueira, assentei no chão a guampa e preparando o bote, num repente, entre susto e coragem, segurei a teiniaguá e meti-a para dentro dela!

Neste passo senti o coração como que martelar-me no peito e a cabeça sonando como um sino de catedral... corri para o meu quarto, na casa grande dos santos padres. Entrei pelo cemitério, por detrás da igreja, e desatinado, derrubei cruces, pisoteei ramos, calquei-sepulturas!...

Todo o povo sesteava; por isso ninguém viu.

Fechei a guampa dentro da canastra e fiquei estatelado, pensando.

Pelo falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo; mais rico que o Papa de Roma, e o imperador Carlos Magno e o rei da Trebizonda e os Cavaleiros da Tábula...

Nos livros que eu lia estes todos eram os mais ricos que se conhecia.

E eu, agora!...

E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma cousa nova e esquisita; eu via, com os olhos, os pensamentos diante deles, como se fossem cousas que se pudesse tanteeir com as mãos...

E foram se escancarando portas de castelos e palácios, onde eu entrava e saía, subia e descia escadarias largas, chegava às janelas, arredava reposteiros, deita-



va-me em camas grandes, de pés torneados, esbarradas
-me em trastes que nunca tinha visto e servia-me em
baixelas estranhas, que eu não sabia para o que pres-
tavam...

E foram-se estendendo e alargando campos sem fim, per-
dendo o verde no azul das distâncias, e ainda lindân-
do com outras estâncias, que também eram minhas e to-
das cheias de gadaria, rebanhos e manadas...

E logo cancheava erva nos meus ervais, cerrados e al-
tos como mato virgem...

E atulhava de planta colhida - milho, feijão, mandi-
oca - os meus paióis.

E detrás das minhas camas, em todos os quartos dos
meus palácios, amontoava surrões de ouro em pó e pi-
lhotes de barras de prata; dependuradas na galhação
de cem cabeças de cervos, tinha bolsas de couro e de
veludo, atochadas de diamantes, brancos como gotas
d'água filtrada em pedra, que os meus escravos - sa-
ídos mil, chegados dez -, tinham ido catar nas pro-
fundas do sertão, muito para lá duma cachoeira gran-
de, em meia-lua, chamada de Iguaçu, muito pra lá dou-
tra cachoeira grande, de sete saltos, chamada de I-
guaira...

Tudo isto eu media e pesava e contava, até cair de
cansaço; e mal que respirava um descanso, de novamen-
te, de novamente pegava a contar, a pesar, a medir...

Tudo isto eu podia ter - e tinha, de meu, tinha! -
porque era o dono da teiniaguá, que estava presa den-
tro da guampa, fechada na canastra forrada de couro
cru, tauxiada de cobre, dobradiças de brônze!

Aí então ouvi o sino da torre badalando para a oração
da meia tarde...

Pela primeira vez não fui eu que toquei; seria um dos
padres, na minha falta.

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

Voltei a mim. Lembrei-me de que o animalzinho precisa



va de alimento.

Tranquei portas e janelas e saí para buscar um go de mel de lixiguana, por ser o mais fino.

E fui; melei; e voltei.

Abri sutil a porta e tornei a fechá-la ficando no escuro.

E quando descerrei a janela e andei para a canastra a tirar a guampa e libertar a teiniaguá para comer o mel, quando ia fazer isso, os pés se me enraizaram, os sentidos do rosto se ariscaram e o coração mermou no compassar o sangue!...

Bonita, linda, bela, na minha frente estava uma moça!...

TEINIAGUÁ: Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-pitã transformou-se em teiniaguá de ca beça luminosa, que outros chamam o - carbúnculo - e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo...

Muitos têm me procurado com o peito somente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...

Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.

Se quiseres, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo!...

A teiniaguá que sabe dos tesouros sou eu, mas sou tam bém princesa moura...
Sou jovem... sou formosa...

E estava escrito que tu serias o meu par.

Serás o meu par... se a cruz do teu rosário me não es



conjurar... Senão, serás ligado ao meu flanco, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sábia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas!... Se a cruz do teu rosário não me esconjurar...

SACRISTÃO: A cruz do meu rosário...

Fui passando as contas, apressado e atrevido, começando na primeira... e quando tentei a última... e que entre as duas os meus dedos, formigando, deram com a cruz do Salvador... fui levantando o Crucificado... - bem em frente da bruxa, em salvatório... na altura do seu coração... na altura da sua garganta... da sua boca... dos seus olhos...

E aí parou... porque olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram!... Parou... e a minha alma de cristão foi saindo de mim, como o sumo se aparta do bagaço, como o aroma sai da flor.

Ela reaparecia a cada noite; mas quando batia a alva, ela desaparecia. Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com vinho; e eu fui, busquei um copo de ouro, todo lavorado de palmas e resplendores e trouxe-o, transbordante, transbordando...

Sol nado, despertei; estava cercado pelos santos padres.

Eu, descomposto; no chão o copo entornado; sobre o oratório, desdobrada, uma charpa de seda, lavrada de bordaduras exóticas, onde sobressaía uma meia-lua prendendo entre as aspas uma estrela... E acharam na canastra a guampa e no porongo o mel... Nem tanto era preciso para ser logo jungido em manilhas de ferro.

Afrontei o arrocho da tortura, entre ossos e carnes amachucadas e unhas e cabelos repuxados. Dentro das paredes do segredo não havia gritos nem palavras gros-



sas; e os padres remordiam a minha alma, prometendo o inferno eterno e espremiavam o meu arquejo decifrando uma confissão...; mas a minha boca não falou..., não falou por senha firme da vontade, que não me palpitava confessar quem era ela e que era linda...

Fui sentenciado a morrer pela morte do garrote, que é vil.

No adro e no largo da igreja, o povo ajoelhado batia nos peitos, clamando a morte do meu corpo e a misericórdia para a minha alma.

O sino começou dobrando a finados. Trouxeram-me em braços, entre alabardas e lanças, e um cortejo moveu-se, compassando a gente d'armas, os santos padres, o carrasco e o povaréu.

Dobrando a finados... dobrando a finados...

Era por mim.

E quando, sem mais esperança nos homens nem no socorro do céu, chorei uma lágrima de adeus à teiniaguá encantada, dentro do meu sofrer floreteou uma réstia de saudade do seu cativo e soberano amor..., como uma rocha dura serpenteia às vezes um fio de ouro alastrado é firme, como uma raiz que não quer morrer!...

E aquela saudade parece que saiu para fora do meu peito, subiu aos olhos feita em lágrima e ponteou para algum rumo, ao encontro doutra saudade rastreada sem engano..., parece, porque nesse momento um ventarrão estourou sobre as águas da lagoa e a terra tremeu, sacudida, tanto, de as árvores desprenderem os seus frutos, de os animais estaquearem-se, medrosos, e de os homens caírem de cóc'ras, agüentando as armas, outros, de bruços, tateando o chão...

E nas correntezas sem corpo, da ventania, redemoinhavam em chusma vozes guaranis, esbravejando se soltasse o padecente...

Para trás do cortejo, desfiando o som entre as poeiras grossas e folhas secas levantadas, continuava o



sino dobrando a finados, dobrando a finados!...

Os santos padres, pasmados, mas sisudos, rezavam enco mendando a minha alma; em roda, boquejando, chinas , piás, índios velhos, soldados de couraçã e lança, e o alcaide, vestido de samarra amarela, com dois leões vermelhos e a coroa d'el-rei brilhando em canutilho - de ouro...

A lágrima do adeus ficou suspensa, como uma cortina - que embacia o claro ver; e o palmital da lagoa, o bo-leado das coxilhas, o recorte da serra, tudo isto, que era grande e sozinho cada um enchia e sobrava para os olhos limpos dum homem, tudo isso eu enxergava junto, empastalhado e pouco, espelhando-se na lágrima suspensa, que se encrespava e adelgaçava, fazendo franjas - entre as pestanas balançantes dos meus olhos de condenado sem perdão...

A menos de braça, estava o carrasco atento no garro - te!

Mas os olhos do meu pensamento, altanados e livres , esses viam o corpo bonito, lindo, belo, da princesa - moura, e recreavam-se na luz cegante da cabeça encan-tada da teiniaguá, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor, tão soberanos e cativos como em mil vidas de homem outros se não viram!...

E por certo, por essa força que nos ligava sem ser vista, como naquele dia em que o povo sesteava e tam-bém nada viu... por força dessa força, quanto mais os padres e alguazis ordenavam que eu morresse, mais pe-lo meu livramento forcejava o irado peito da encanta-da, não sei se de amor perdida pelo homem, se de orgulho perverso do perjuro, se da esperança de um dia - ser humana.

O fogo dos borrarhos foi-se alteando em labaredas e saindo pela quinchã dos ranchos, sem queimá-los... ; as crianças de peito soltaram palavras feitas, como gente grande...; e bandadas de urubus apareceram e co



meçaram a contradançar tão baixo, que se lhes ou
esfregar das pernas contra o vento..., a contradançar,
afiados para uma carniça que ainda não havia porém
que havia de haver...

Mas os santos padres alinharam-se na sombra do Santís
simo e borrifaram de água benta o povo amedrontado e
seguiram, como num propósito, encomendando a minha al
ma; o alcaide levantou o pendão real e o carrasco va
rejou-me sobre o garrote, infâmia de minha morte, por
ter tido amores com mulher moura, falsa, sedutora e
feiticeira...

Rolou, então, sobre o vento e nele foi a lágrima do a
deus, que a saudade destilara.

Deu logo a lagoa um rônco bruto, nunca ouvido, tão di
latado e monstruoso...; e rasgou-se cerce em um san
ção medonho, entre largo e fundo... e lá no abismo,
na caixa por onde ia já correndo, em borbotão a água
lamenta sujando as barrancas novas, lá, eu vi e todos
viram a teiniaguá, de cabeça de pedra transparente,
fogachando luminosa como nunca, a teiniaguá correr,
estrombando os barrocais, até rasgar, romper, arruir
a boca do sangão na alta barranca do Uruguai, onde a
correnteza em marcha despencou-se, espadanando em es
pumarada escura, como caudal de chuvas tormentosas!...
A gente levantou pro céu um vozear de lástima e cho
ros e gemidos:

POVO:

A Missão de S. Tomé vai perecer!... a igreja vai desa
bar!... a terra vai expulsar os mortos do cemitério!...
as crianças inocentes vão perder a graça do batis
mo!... o leite das mães vai secar!... as plantações
vão morrer!... os homens vão perder a coragem!...

SACRISTÃO: Depois de um grande silêncio balançou no ar, como es
perando...



Mas um milagre se fez: o Santíssimo, de si próprio perpassou a altura das cousas, e lá em cima, cortou no ar turvado a Cruz Bendita!... O padre superior tre^{meu} como em terçã e tartamudo e trôpego marchou para o povoado; os acólitos seguiram, e o alcaide, os soldados, o carrasco e a' indiada toda desandou, como em procissão, emparvados, num assombro, sem ter mais do que tremer, porque ventos, fogo, urubus e estrondos - se humilharam, fenecendo, dominados!...

Fiquei sozinho, abandonado, e no mesmo lugar e mesmos ferros posto.

Fiquei sozinho, ouvindo com os ouvidos da minha cabeça as ladainhas que iam minguando, em retirada... mas também ouvindo com os ouvidos do pensamento o chamado carinhoso da teiniaguá.

E tanto como o povo ia entrando na cidade, ia eu chegando à barranca do Uruguai; tanto como as gentes lá iam acabando as orações para alcançar a clemência divina, ia eu começando o meu fadário, todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!...

Sem peso de dores nos ossos e nas carnes, sem peso de ferros no corpo, sem peso de remorsos na alma passei o rio para o lado do Nascente. A teiniaguá fechou os tesouros da outra banda, e juntos fizemos então caminho para o Cerro do Jarau que ficou sendo o paiol das riquezas de todas as salamancas dos outros lugares. Para memória do dia tão espantoso lá ficou o sangão rasgado na baixada da cidade de Santo Tomé, desde o tempo das Missões.

Faz duzentos anos que aqui estou; aprendi sabedorias-árabes e tenho tornado contentes alguns raros homens que bem sabem que a alma é um peso entre o mandar e o ser mandado...

Nunca mais dormi; nunca mais nem fome, nem sede, nem



dor, nem riso...

Passeio no palácio maravilhoso, dentre deste Cerro do Jarau, ando sem parar e sem cansaço; piso com pés vagarosos, piso torrões de ouro em pó, que se desfazem como terra fofa; o areão dos jardins, que calco, enjoadado, é todo feito de pedras verdes e amarelas e es-carlates, azuis, rosadas, violetas... e quando a encantada passa todas incendeiam-se num íris de cores rebrilhantes, como se cada uma fosse uma brasa viva faiscando sem a mais leve cinza...; há poços largos que estão atulhados de dobrões e de onças e peças de jóias e armaduras, tudo ouro maciço do Peru e do México e das Minas Gerais, tudo cunhado com os troféus dos senhores reis de Portugal e de Castela e Aragão... E eu olho para tudo, enfiado de ter tanto e de não poder gozar nada entre os homens, como quando era como eles e como eles gemia necessidades e cuspiam invejas, tendo horas de bom coração por dias de maldade e sempre o aborrecimento do que possuía, ambicionando o que não possuía...

O encantamento que me aprisiona consente que eu acompanhe os homens de alma forte e coração sereno que quiserem contratar a sorte nesta salamanca que eu tornei famosa, do Jarau.

Muitos têm vindo... e têm saído piorados, para lá longe irem morrer do medo aqui pegado, ou andarem pelos povoados, assustando as gentes, loucos, ou pelos campos fazendo vida com bichos brutos...

Poucos toparam a parada... ah! mas esses que toparam-tiveram o que pediram, que a rosa dos tescuros, a moura encantada não desmente o que eu prometo, nem retoma o que dá!

E todos os que chegam deixam um resgate de si próprios para o nosso livramento um dia...

Mas todos os que vieram são altaneiros e vieram arrastados pela ânsia da cobiça ou dos vícios, ou dos ó-



dios: tu foste o único que veio sem pensar e o único que me saudou como filho de Deus...

Foste o primeiro, até agora; quando terceira saudação de cristão bafejar estas alturas, o encantamento cessará...

Está escrito que a salvação há de vir assim; e por bem de mim, quando cessar o meu cessará também o encantamento da teiniaguá; e quando isso se der a salamanca desaparecerá, e todas as riquezas, todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os sortilégios, todos os filtros para amar por força... para matar... para vencer... tudo, tudo, tudo se virará em fumaça que há de sair pelo cabeça roto de cerro, espalhada na rosa dos ventos pela rosa dos tesouros...

Tu me saudaste - o primeiro, tu! saudaste-me como cristão.

Pois bem: alma forte e coração sereno!... Quem isso tem, entra na salamanca, toca o condão mágico e escolhe do quanto quer...

Alma forte e coração sereno! A furna escura está lá: entra! Entra! Lá dentro sopra um vento quente que apaga qualquer torcida de candeia... e tramando nele corre outro vento frio, frio... que corta como serrilha-de geada.

Não há ninguém lá dentro... mas bem que se escuta voz de gente, vozes que falam... falam, mas não se entende o que dizem, porque são línguas atoradas que falam, são os escravos da princesa moura, os espíritos da teiniaguá... Não há ninguém... não se vê ninguém: mas há mãos que batem, como convidando, no ombro do que entra firme, e que empurram, como ainda ameaçando, o que recua com medo...

Alma forte e coração sereno! Se entrares assim, se te portares lá dentro assim, podes então querer e serás servido!

Mas governa o pensamento e segura a língua: o pensa -



mento dos homens é que os levanta acima do mundo,
sua língua é o que os amesquinha...
Alma forte, coração sereno!... Vai!

NARRADOR: Blau, o guasca, apeou-se, maneou o flete e por de se-
guro ainda pelo cabresto prendeu-o a um galho de cam-
buim que verga sem quebrar-se; rodou as esporas para
o peito do pé; aprumou de bom jeito o facão, santi-
guou-se e seguiu...

Calado fez; calado entrou.

O silêncio que então se desdobrou era como o vôo para-
do das corujas; metia medo...

Blau Nunes foi andando. Entrou na boca da toca apenas
aí clareada e isso pouco, por causa da enredida da ra-
maria que se cruzava nela; pra o fundo era tudo es-
curo...

Andou mais, num corredor dumas braças; mais, ainda ;
sete corredores nasciam deste. Blau Nunes foi andando.
Enveredou por um deles; fez voltas e contravoltas, su-
biu, desceu. Sempre escuro, sempre silêncio. Mãos de
gente, sem gente que ele visse, batiam-lhe no ombro.
Numa cruzada de carreiros sentiu ruído de ferros que
se chocavam, tinir de muitas espadas, seu conhecido .
Por então o escuro ia já mudado num luzir de vaga-lu-
me.

Grupos de sombras com feitio de homens peleavam de
morte; nem pragas nem fuzilar d'olhos raivosos, porém
furiosos eram os golpes que elas iam talhando umas -
nas outras, no silêncio.

Blau teve um relance de parada, mas atentou logo no
dizer do vulto de face branca e tristonha - Alma -
forte, coração sereno... E meteu o peito por entre o
espinheiro das espadas, sentiu o corte delas, o fino
das pontas, o redondo dos copos... mas passou, sem
nem olhar aos lados, num entono, escutando porém cho-
ros e gemidos dos peleadores.



Mãos mais leves bateram-lhe no ombro, como carinho e satisfeitas.

Outro mais ruído nenhum ouvia ele no ar quieto da fumaça que o rangido dos cabrestilhos das suas esporas. Blau Nunes foi andando. Andando numa luz macia, que não dava sombra. Eredada como os caminhos dum cupim era a fumaça, dando corredores sem conta, a todos os rumos; e ao desembocar do em que vinha, justo num covelo dele, saltaram-lhe aos quatro lados jaguares e pumas, de goela aberta e bafio quente, patas levantadas mostrando as unhas, a cola mosqueando, numa fúria... E ele meteu o peito e passou, sentindo a certeza dura das feras roçarem-lhe o corpo; passou sem pressa, nem vagar, escutando os urros que pra trás iam ficando e morrendo sem eco...

As mãos, de braços que ele não via, em corpos que não sentia, mas que, certo, o ladeavam, as mãos iam-lhe sempre afagando os ombros, sem bem o empurrar, mas atirando-o para adiante... adiante...

A luz ia na mesma, cor da de vaga-lume, esverdeada e amarela...

Blau Nunes foi andando. Agora era um lançante e ao fim dele parou num redondel topetado de ossamentas de criaturas. Esqueletos de pé, encostados uns nos outros, muitos, derreados como numa preguiça; pelo chão caídas, partes deles, despencadas; caveiras soltas, dentes branqueando, tampos de cabeças, buracos de olhos; pernas e pés em passo de dança, alcatras e costelas meneando-se num vagar compassado, outras em saracoteio...

Aí o seu braço direito quase moveu-se acima, como para fazer o sinal da cruz;... porém, alma forte, coração sereno! - meteu o peito e passou entre as ossadas, sentindo o bafio que elas soltavam das suas juntas bolorentas.

As mãos, aquelas, sempre brandas, afagavam-lhe outra



vez os ombros...

Blau Nunes foi andando. O chão ia alteando-se, trepada forte que ele venceu sem aumentar a respiração; e num desvão, a modo dum forno, teve de passar por uma como porta dele, e aí dentro era um jogo de línguas de fogo, vermelho e forte, como atigado com lenha de nhanduvai; e repuxos d'água saídos das paredes, batiam nele e referviam chiando, fazendo vapor; um ventarrão rondeava ali dentro, enovelando águas e fogos, que era uma temeridade cortar aquele turbilhão...

Outra vez ele meteu o peito e passou, sentindo o mormaço das labaredas.

As mãos do ar mais o palmeavam nos ombros, como querendo dizer - muito bem! -

Blau Nunes foi andando. Já tinha perdido a conta do tempo e do rumo que trazia; sentia no silêncio como que um peso de arrobas; a claridade mortíça, porém, já se assentara nos olhos e tanto, que viu adiante, em sua frente e caminho, um corpo enroscado, sarapintado e grosso, batendo no chão uns chocalhos, grandes como ovos de téu-téu. Era a boicininga, guarda desta passagem, que levantava a cabeça flechosa, lanceando o ar com a língua de cabelos, preta, firmando no vivente a escama dos olhos, luzindo, preto, como botões de veludo... Das duas presas recurvas, grandes como as aspas dum tourito de sobreano, pingava uma goma escura, que era a peçonha sobrança por um jejum de mortandade, lá fora...

A boicininga - a cascavel amaldiçoada - toda se meneava, chocalhando os guizos, como por aviso, fufurando o ar com a língua como por prova...

Uma serenada de suor minou na testa do paisano... porém ele meteu o peito e passou, vendo, sem olhar, a boicininga altear-se e descair, chata e tremente... e passou, ouvindo o chocalho da que não perdoa, o silbi



do da que não esquece...

E logo então, que era este o quinto passo de valentia que vencera sem temer, de alma forte e coração sereno, logo então as mãos voantes anediaram-lhe o cabelo, palmearam-lhe mais chegadas os ombros.

Blau Nunes foi andando. Desembocou num campestre, de gramado fofo, que tinha um cheiro doce que ele não conhecia; em toda a volta árvores enfloradas e estadeando frutos; passarinhada de penas vivas e cantoria alegre; veadinhos mansos; capororocas e outro muito bicharedo, que recreava os olhos; e listando a meio o campestre, brotado duma roca coberta de samambaias, um olho-d'água, que saía em toalha e logo corria em riachinho, pipocando o quanto-quanto sobre areão solto, palhetado de melacachetas brancas, como uma farinha de prata...

E logo uma ronda de moças - cada qual que mais cativa! - uma ronda alegre saiu dentre o arvoredado, a cercá-lo. Vestiam-se umas em frouxos trançado de flores, outras de fios de contas, estas chegavam-lhe à boca caramujos estrambóticos, cheios de bebida recente e fumegando entre vidros frios, como de geadas; dançavam num requebro marcado como que por música... outras acenavam-lhe de longe... Porém ele meteu o peito e passou, com as fontes golpeando, por motivo do ar que o seu bofe respirava...

Blau Nunes foi andando. Entrou no arvoredado e foi logo rodeado por uma tropa de anões, cambaios e cabeçudos, cada qual melhor para galhofa, e todos em piruetas e mesuras, fandangueiros e volatins, pulando como aranhões, armando lutas, fazendo caretas impossíveis para rostos de gente...

Porém o paisano meteu o peito neles e passou, sem nem sequer um ar de riso no canto dos olhos...

E com este, que era o último, contou os sete passos - das provas.



E logo então, aqui, surdiu-lhe em frente o vulto face tristonha e branca, que, certo, lhe andara pisadas, de companheiro - sem corpo - e sem nunca lhe valer nos apuros do caminho; e tomou-lhe a mão. E Blau Nunes foi seguindo.

Por detrás de um cortinado como de escamas de peixe-dourado, havia um socavão reluzente. E sentada numa banquetta transparente, fogueando cores como as do arco-íris, estava uma velha muito velha, carquinchá e curvada e como tremendo de cadauca. E segurava nas mãos uma varinha branca, que ela revirava e tangia, e atava em nós que se desfaziam, laçadas que se deslaçavam e torcidas que se destorciam, ficando sempre linheira.

SACRISTÃO: Cunhã, o paisano quer!

VELHA: Tu, vieste; tu, chegaste; pede tu, pois!

NARRADOR: E moveu e ergueu o corpo magro, dando estalos nas juntas e levantou a varinha para o ar: logo o condão coriscou sobre ela uma chuva de raios, mais que como num temporal desfeito das nuvens carregadas cairia...

VELHA: Por sete provas que passaste, sete escolhas dar-te-ei... Paisano, escolhe! Para ganhar a parada em qualquer jogo;... de naipes que as mãos ajeitam, de dados, que a sorte revira, de cavalos, que se cotejam, de osso, que se sopesa, da rifa... queres?

BLAU: Não!

NARRADOR: E todo o parecer de Blau foi se mudando num semblante como de sonâmbulo, que vê o que os outros não vêem... como os gatos, que acompanham com os olhos cousas que passam no ar e ninguém vê...



VELHA: Para tocar a viola e cantar... amarrando nas cordas dela o coração das mulheres que te escutarem..., e que hão de sonhar contigo, e ao teu chamado-irão - obedientes - como aves varadas pelo olhar das cobras!

BIAU: Não!

VELHA: Para conhecer as ervas, as raízes, os sucos das plantas e assim poderes curar males dos que tu estimares - ou desfazer a saúde dos que aborreceres;... e saber simpatias fortes para dar sonhos ou loucuras, para tirar a fome, relaxar o sangue, e gretar a pele e espumar os ossos, ou ligar apartados, achar cousas perdidas, descobrir invejas...; queres?

BIAU: Não!

VELHA: Para não errar o golpe - de tiro, lança ou faca - em teu inimigo, mesmo no escuro ou na distância, parado ou correndo, destro ou prevenido, mais forte do que tu ou astucioso...; queres?

BIAU: Não!

VELHA: Para seres mandão no teu distrito e que todos te obedeçam sem resmungos;... seres língua com os estrangeiros e que todos te entendam;... queres?

BIAU: Não!

VELHA: Para seres ricaço de campo e gado e manadas de todo o pelo;... queres?

BIAU: Não!

VELHA: Para fazeres pinturas em tela, versos harmoniosos, no



velas de sofrimentos, autos de chocarrice, música
consolar, labores no ouro, figuras no mármore, ...
res?

BLAU: Não!

VELHA: Pois que em sete poderes te não fartas, nada te da -
rei, porque do que te foi prometido nada quiseste. Vai
-te!

NARRADOR: Blau nem se moveu; e, carpindo dentro em si a própria
rudeza, pensou no que queria dizer e não podia.

BLAU: Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és
tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que
atino que existe fora de mim, em volta de mim, superi
or a mim... Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!...

NARRADOR: Mas uma escuridão fechada, como nem noite a mais escu
ra dá parelha, caiu sobre o silêncio que se fez, e u
ma força torceu o paisano.

Blau Nunes arrastou um passo e outro e terceiro; e de
sandou caminho; e quanto ele andara em voltas e con
travoltas, em subidas e descidas, tanto em direitura
foi bater na boca da furna por onde havia entrado, sem
engano. E viu atado e quieto o seu cavalo; em roda as
mesmas restingas, ao longe os mesmos descampados mos
queados de pontas de gado, a um lado o encordado
das coxilhas, a outro, numa aberta entre matos um cla
ro prateado, que era água do arroio.

Memorou o que tinha acabado de ver e de ouvir e de
responder; dormindo, não tinha, nem susto lhe tirara
o entendimento. E pensou que tendo tido oferta de mui
to não lograra nada por querer tudo;... e num arranco
de raiva cega decidiu outra investida.

Voltou-se para entrar de novo... mas bateu coo peito



Na parede dura do cerro. Terra maciça, mato cerrado, capins, limos... e nenhuma fresta, nem brecha nem buraco, nem fuma, caverna, toca, por onde escorresse um corpinho de guri, quando mais passasse porte de homem!...

Desanimado e penaroso, compôs o cavalo e montou; e ao dar de rédea apareceu-lhe pelo lado de laçar o sacristão, o vulto de face branca e tristonha.

SACRISTÃO: Nada quiseste; tiveste a alma forte e o coração sereno, tiveste, mas não soubeste governar o pensamento nem segurar a língua!... Não te direi se bem fizeste ou mal. Mas como és pobre e isso te aflige, aceita este meu presente que te dou. É uma onça de ouro, que está furada pelo condão mágico; ela te dará tantas outras quantas quiseres, mas sempre de uma em uma e nunca mais que uma por vez; guarda-a em lembrança de mim!

NARRADOR: E o corpo do sacristão encantado desfez-se em sombra na sombra da reboleira...

Blau Nunes, meteu na guaiaca a onça furada, e deu de rédea.

O sol tinha cambado e o Cerro do Jarau já fazia sombra comprida sobre os bamburrais e restingas que lhe formavam assento.

Na troteada para o posto em que morava, um ranchote de beira no chão tendo por porta um couro - , Blau rumeou para uma venda grande que sortia aquele vizinário, mesmo a troco de courama, cerda ou algum tambreiro; a como vinha de garganta seca e a cabeça atordoadada mandou botar uma bebida. Bebeu; e puxou da guaiaca a onça e pagou; era tão mínima a despesa e o câmbio que veio, tanto, que pasmou, olhando para ele, de tão desacostumado que andava de ver dinheiro tanto, que chamasse seu... E de dedos engatanhados socou-o todo para dentro da guaiaca, sentindo-lhe o peso e o



sonido afogado. Galado, montou de novo, retirando-
No caminho foi pensando nas todas as cousas que care-
cia e que iria comprar. Entre aperos e armas e rou -
pas, um lenço grande e umas botas, outro cavalo, umas
esporas e embelecocos que pretendia, andava tudo por u-
ma mão-cheia de cruzados; e a si próprio perguntava -
se aquela onça encantada, dada para indez, teria mes-
mo o condão de entropilhar outras muitas, tantas como
as que precisava, e mais ainda, outras e outras que
o seu desejo fosse despencando?!...

Chegou ao posto, e como homem avisado, não falou do
que fizera durante o dia, apenas do boi barroso, que
campeou e não achou; e no dia seguinte, logo cedo sa-
iu a empegar a prova do prometido. Naquele mesmo nego-
ciante ajustou umas roupas tafulonas; e mais uma ada-
ga de cabo e bainha com anéis de prata; e mais as es-
poras e um rebenque de argolão.

Toda a compra passava de três onças.

E Blau, as fontes latejando, a boca cerrada, num a-
perto que lhe fazia doer o carrinho, piscando os o-
lhos, a respiração atropelada, todo ele numa desconfi-
ança, Blau, por debaixo do seu balandrau remendado co-
meçou a gargantear a guaiaca... e caiu-lhe na mão uma
onça... e outra... e outra... e outra!... As quatro,
que por agora eram tão de jeito! Mas não caíram duas-
e duas ou três e uma, ou as quatro juntas, porém sim
de uma a uma, as quatro, de cada vez só uma...

Voltou ao rancho com a maleta atochada, mas, como ho-
mem avisado, não falou do acontecido.

No outro dia seguiu a outro rumo, para outro negocian-
te mais forte e de prateleiras mais variadas. Já leva-
va alinhavado o sortimento que ia fazer, e muito em
ordem foi encomendando o aparte das cousas, tendo cui-
dado em não querer nada de cortar, só peças inteiras,
que era para, no caso de falhar a onça, recuar da com-
pra, fazendo um feio, é verdade, mas não sendo obriga-



do a pagar estrago algum. Notou a conta, que andava por quinze onças, uns cruzados pra menos. E outra vez, por baixo do seu balandrau remendado, começou a gargantear a guaiaca, e logo lhe foi caindo na mão uma onça... e segunda... outra... e quarta, mais outra, e sexta... e assim de uma em uma, as quinze necessárias! O negociante ia recebendo e alinhando sobre o balcão as moedas conforme vinham elas minando da mão do pagador, e quando estavam todas disse, entre risonho e desconfiado:

NEGOCIANTE: Cuê-pucha!... cada onça das suas parece que é um pinhão, que é preciso descascar à unha!...

NARRADOR: No terceiro dia passou na estrada uma cavalhada; Blau fez parar a tropa e ajustou uma quadrilha apartada - por ele, à sua vontade, e como facilitou o preço, fechou-se o trato.

E enquanto a tropa verdeava e bebia, os tratistas foram para a sombra de uma figueira que havia na beirada da estrada.

Blau por debaixo do seu balandrau remendado, ainda - desconfiando, começou a gargantear a guaiaca... e foi logo aparando, onça por onça, uma, três, seis, dez, dezoito, vinte e cinco, quarenta, quarenta e cinco!...

O vendedor, estranhando aquela novidade e demora, não se conteve e disse:

VENDEDOR: Amigo! As suas onças parecem talas de jerivá, que só cai uma de cada vez!...

NARRADOR: Depois desses três dias de prova Blau acreditou na onça encantada.

Arrendou um campo e comprou gado, pra mais de dez mil cabeças, aquerenciado. O negócio era muito acima de



três mil onças, a pagar no recebimento. Aí o coitadinho perdeu quase o dia inteiro a gargantear a guaiaca e a aparar onça por onça, uma atrás da outra, sempre uma a uma!... Cansou-lhe o braço; cansou-lhe o corpo; não falhava golpe, mas tinha de ser como martelada, que não se dá duas ao mesmo tempo...

O vendedor, à espera que Blau completasse a soma, saiu, mateou, sesteou; e quando sobre a tarde, voltou à ramada, lá estava ele ainda aparando onça trás onça!...

Ao escurecer estava completo o ajuste.

Começou a correr a fama da sua fortuna. E todos espantavam-se, por ele, gaúcho despilchado de ontem, pobre, que só tinha de seu as chilcas, afrontar os abonados, assim, do pé pra mão... E também era falado o seu esquisito modo de pagar - que pagava sempre, valha a verdade - só de onça por onça, como tala de jerivá, que só cai uma de cada vez... como pinhão da serra, que só se descasca de um a um!...

Mistério para Blau, muito rico... muito rico... Mas todo o dinheiro que ele recebia, que entrava das vendas feitas, todo o dinheiro que lhe pagavam à ele, todo desaparecia, guardado na arca de ferro, desaparecia como desfeito em ar... Muito rico... muito rico - das onças que precisasse, e nunca faltaram para gastar no que lhe parecesse: bastava-lhe gargantear a guaiaca, e elas começavam a pingar;... mas nem uma das que recebia lhe ficava, todas evaporavam-se como água em tijolo quente...

Então começou a correr um boquejo de ouvido para ouvido... e era que ele tinha parte com o diabo, e que o dinheiro dele era maldito porque todos com quem tratava e recebiam das suas onças, todos entravam, ao depois, a fazer maus negócios e todos perdiam em prejuízos exatamente a quantia igual à de suas mãos recebidas.



Ele comprava e pagava à vista, é certo; o vendedor contava e recebia, é certo... mas o negócio empreendido com esse valor era de prejuízo garantido.

Ele vendia e recebia, é certo; mas o valor recebido - que ele guardava e rondava, sumia-se como um vento, e não era roubado nem perdido; era sumido, por si mesmo...

O boquejar foi alastrando, e já diziam que aquilo, por certo era mandinga arrumada na salamanca do Jarau, onde ele foi visto mais de uma feita... e que lá é que se jogava a alma contra a sorte...

E os mais vivarachos já faziam suas madrugadas sobre o Jarau; outros, mais sorros, pra lá tocavam-se ao escurecer, outros atrevidos, iam à meia-noite, outros ainda ao primeiro cantar dos galos...

E como nesse carreiro de precatados cada um fazia por ir de mais escondido, sucedeu que como sombras se pechavam entre as sombras das reboleiras, sem atinar - coa salamanca, ou sem topete para, na escuridão, quebrar aquele silêncio, chamando o santão num grito alto...

No entanto: Blau começou a ser tratado de longe, como um chimarrão rabioso... Já não tinha com quem paute - ar, churrasqueava solito, e solito mateava, rodeado - de cachorros, que uivavam, às vezes um, às vezes todos...

A peonada foi saindo e conchavando-se noutras partes; os negociantes nada compravam-lhe e negaceavam para vender-lhe; os andantes cortavam campo para não pararem nos seus galpões...

Blau deu em cismar, e cisma foi que resolveu acabar - com aquele cerco de isolamento, que o ralava e esmorecia...

Montou a cavalo e foi ao cerro. Na trepada sentiu aos dois lados barulho nos bamburrais e nas restingas, mas pensou que seria alguma ponta de gado xucro que dispa



rava, e não fez caso; foi trepando. Mas não era, não, gado xucro espantado, nem guaraxaim corrido, nem tatu vadio; era gente, gente que se escondia uns dos outros e dele...

Assim chegou à reboleira do mato, tão sua conhecida e recordada, e como chegou, deu de cara com o vulto de face branca e tristonha, o sacristão encantado, o san tão.

BIAU: Laus' Sus-Cris'!...

SACRISTÃO: Para sempre amém.

BIAU: Devo! Prefiro a minha pobreza dantes à riqueza desta onça, que não se acaba, é verdade, mas que parece amaldiçoada, porque nunca tem parelha e separa o dono dos outros donos de onças!... Adeus! Fica-te com Deus, sacristão!

SACRISTÃO: Seja Deus louvado! Pela terceira vez falaste no Nome Santo, tu, paisano, e com ele quebraste o encantamento!... Graças!... Graças!...

NARRADOR: E neste mesmo instante, que era o da terceira vez que Blau saudava no Nome Santo, neste mesmo momento ouviu-se um imenso estouro, que retumbou naquelas vinte léguas em redor; o Cerro do Jarau tremeu de alto a baixo, até as suas raízes, nas profundas da terra, e logo, em cima, no chapéu do espigão, apareceu, cresceu, subiu, aprumou-se, brilhou, apagou-se, uma língua de fogo, alta como um pinheiro, apagou-se, e começou a sair fumaça negra, em rolos grandes, que o vento ia tocando para longe, por cima do encordoado das coxilhas, sem fumo feito, porque a fumaceira inchava e esparramava-se no ar, dando voltas e contravoltas, torcendo-se, em altos e baixos, num desgoverno, como uma tropa



de gado alçado, que espirra e se desmancha como
passada em regador...

Era a queima dos tesouros da salamanca, como dissera
o sacristão.

Sobre as caídas do Cerro levantou-se um vozeiro e tro-
pel: eram os maulas que andavam rastreando a fuma en-
cantada e que agora fugiam, desguaritados, como filho-
tes de perdiz...

Para os olhos de Blau o cerro ficou como de vidro -
transparente, e então viu ele o que lá dentro se pas-
sava: os brigões; os jaguares, a boicininga, tudo, tor-
cido e enovelado, amontoado, revolvido, corcoveava -
dentro dos corredores, cada vez mais carregados de fu-
maça... e urros, gritos, tinidos, silbidos, gemidos,
tudo se confundia no tronar da voz maior que estron-
deava no cabeça empenachado do cerro.

Ainda uma vez a velha carquincha transformou-se na
teiniaguá... e a teiniaguá na princesa moura... a
moura numa tapuia formosa;... e logo o vulto de face
branca e tristonha tornou à figura do sacristão de S.
Tomé, o sacristão, por sua vez, num guasca desempena-
do...

E assim, quebrado o encantamento que suspendia fora -
da vida das outras aquelas criaturas vindas do tempo
antigo e de lugar distante, aquele par, juntado e tan-
gido pelo Destino, que é o senhor de todos nós, aque-
le par novo, de mãos dadas como namorados, deu costas
ao seu desterro, e foi descendo a pendente do coxi -
lhão, até a várzea limpa, plana e verde, serena e a-
mornada de sol claro, toda bordada de boninas amare-
las, de bibis roxas, de malmequeres brancos, como uma
cancha convidante para uma cruzada de ventura, em via-
gem de alegria, a caminho do repouso!...

Blau Nunes também não quis mais ver; traçou sobre o
seu peito uma cruz larga, de defesa, na testa do seu
cavalo outra, e deu de rédea e d'espacito foi baixan-



do a encosta do cerro, como o coração aliviado e
nindo como se dentro dele cantasse o passarinho ve
de...

E agora, estava certo de que era pobre como dantes ,
porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz
o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vi-
da!...

Assim acabou a salamanca do Cerro do Jarau, que aí du
rou duzentos anos, que tantos se contam desde o tempo
das Sete Missões, em que estas cousas principiaram.